

Cesário Verde



“O que me rodeia é o que me preocupa”

Cesário Verde...

José Joaquim Cesário Verde nasceu a 25 de fevereiro de 1855 na freguesia lisboeta da Madalena. Era filho de José Anastácio Verde e de Maria da Piedade dos Santos Verde. O pai era um abastado comerciante de ferragens e dedicava-se também à agricultura em Linda-a-Pastora.

Em 1865, Cesário Verde fez o seu exame de instrução primária, começando de imediato a sua atividade comercial com o pai.

Em 1873, começa a publicar os primeiros versos, matriculando-se no Curso Superior de Letras ao qual não deu continuidade, mas que lhe permitiu relacionar-se com os intelectuais da época, particularmente com Silva Pinto, seu grande amigo. Neste mesmo ano estreia-se nas colunas do *Diário de Notícias* com três poesias.

Em 1874, a propósito do poema **Esplêndida**, rebenta um escândalo literário suscitado por Ramalho Ortigão, que lhe diz para ser “menos verde e mais Cesário”

Continua as publicações dispersas em vários jornais (*Tribuna, Mosaico...*) e no jornal *O Porto*, sai **Desastre**.

Em 1876, sai na revista coimbrã *Evolução* a sua poesia **A Débil** e em *O Porto*, **Nevroses** que terá posteriormente o título de **Contrariedades**. Entretanto queixa-se aos amigos da falta de saúde. Em 1878, publica **Num Bairro Moderno, Merina e Sardenta**. Em 1879, publica **Manhãs Brumosas, Em Petiz e Cristalizações**.

Mas as suas poesias não são, de forma alguma, apreciadas nem sequer valorizadas, não só pelo público leitor, mas principalmente pelos intelectuais da época.

Em 1880, publica **Num Álbum** e **O Sentimento de um Ocidental**, sua obra prima, mas passou quase despercebida.

Cesário verde continua a trabalhar na loja do pai e a explorar a quinta de Linda-a-Pastora. Aliás uma das temáticas mais queridas do poeta é a vida simples do campo que contrasta frequentemente com a artificialidade citadina.

Em 1882, colabora no projeto de um jornal portuense, *O Mercantil*, que se malogrou, e do qual deviam ser redatores Cesário Verde, Teófilo Braga e João de Deus.

Em 1884, publica a poesia **Nós**, seu último e grande poema.

Em 1886, morre a 19 de julho, em Caneças, vitimado pela tuberculose, tendo morrido já dois irmãos com a mesma doença. *O Jornal do Comércio* escreveu o seguinte:

“Cesário Verde morre quase ignorado. Circunstâncias especiais da sua vida fizeram talvez com que ele não pudesse apurar as suas faculdades, nem aperfeiçoar os seus processos artísticos; mas o que dele fica basta para revelar uma decidida vocação poética, original e independente como poucas.”

Em 1887 e devido aos cuidados do amigo Silva Pinto, publica-se em abril, numa edição de 200 exemplares, *O Livro de Cesário Verde*, onde estão compilados os seus poemas e que divide em duas secções: Crise Romanesca e Naturais, não respeitando a ordem cronológica de elaboração ou de publicação.

A sua poesia é a de um homem que deambula pela cidade ou pelo campo e descreve de modo vivo e objetivo as suas experiências, as quais contemplam, entre outros, valores como a solidariedade com os humildes, o respeito pela ciência, a exaltação do trabalhador e o contraste entre o egoísmo dos ricos e a miséria dos pobres.

O Sentimento de um Ocidental

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!

Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emmadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes. (...)

Cesário Verde

Cidália Fernandes